Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP

CMUHE037272

MÉRCIO, Jary. Na 'revolução' do hip hop, arte é a arma. Correio Popular, Campinas, 18 set. 2002.

Na 'revolução' do hip hop, arte é a arma

José Ferreira de Souza, o Blue, 24 anos, vendedor em uma loja de discos de rap e artigos ligados ao movimento hip hop (roupas, acessórios, literatura), é o MC (a voz) do grupo Naipe, produtor da organização A Posse!, que reúne 70 grupos de rap de Campinas e região e coordenador da Oficina de Hip Hop do Espaço Esperança. Mineiro de Padre Paraíso, cidadezinha do Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do País, Blue mudou-se de lá para uma das muitas áreas pobres da periferia de Campinas em 1992. "Sou um migrante, faço questão de assumir também esta condição", diz Blue, que também é poeta: uma das músicas do grupo Naipe, *Pesadelo*, tem letra sua. Autobiográfica, retrata a sua condição de homem que se fez por si mesmo, fala da filha Thamaira, fruto de um amor adolescente e, naturalmente, de pobreza e violência. Mas Blue faz questão de deixar evidente: "O rap não quer só retratar a violência. O pobre não vive só de tristeza, também consegue ter e mostrar alegria."

Mas o *rapper* voluntário do Espaço Esperança também não ameniza: "O hip hop tomou uma posição importante. Não somos só contra a droga, a criminalidade, a violência, mas também contra a miséria, a discriminação, a opressão e humilhação do pobre. O hip hop é uma revolução", ressalta Blue.

A Oficina de Hip Hop coordenada por Blue no Espaço Esperança, que começou com 15 adolescentes, hoje conta com 40, entre meninos e meninas. Os encontros acontecem todas as quintas-feiras, das 14h às 17h. "Muito mais do que ensinar, estamos lá para estimular cada pessoa a descobrir seu talento, sua forma de expressão e, principalmente, a abrir o seu próprio caminho a partir da consciência dos seus direitos de cidadão", diz Blue. "Afinal, eu mesmo entrei para o hip hop não só para cantar, mas para fazer algo pela comunidade, melhorar minha rua e meu bairro", diz Blue, que mora há seis anos no Jardim São Marcos e é integrante do Conselho Municipal de Assistência Social.

"Tudo o que nós queremos é uma sociedade mais justa e igualitária e que aprenda a olhar para o cara de calça larga (*calça cargo, aquela cheia de bolsos, usada pelos adeptos do hip hop*) como gente", discursa Blue. A Oficina de Hip Hop do Espaço conta ainda com aulas de Neger (DJ), Lu (b-girl), Fernanda (fanzine), Tuta (*rapper*) e Insônia (grafitagem). (JM)

JÚLIO CÉSAR COSTA/AAN

A gaúcha Marli Wunder registra o trabalho em fotos

AUGUSTO DE PAIVA/AAN

MC Blue, que coordena oficinas de hip hop no Espaço